

OS DESAFIOS DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM GEOGRAFIA NO ENSINO MÉDIO: REFLEXÕES E RELATOS A SEREM COMPARTILHADOS

Francisco Thiago Brito de Oliveira¹, Kamilla Sayury da Silva Nunes², Francisca Regiane de Araújo³, Raimunda Aurilia Ferreira de Sousa⁴

¹Licenciado em Geografia pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, professorthiagobrito@outlook.com

²Licenciada em Geografia pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, kamillanunes1996@gmail.com

³Licenciando em Geografia pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, regianearaújo921@gmail.com

⁴Prof^a. Dra. em Geografia da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, raimundaaurilia@uern.br

Resumo

Este trabalho tem como objetivo refletir sobre a realidade escolar no ensino médio vivenciada durante a realização da regência no estágio supervisionado em Geografia, da Universidade do estado do Rio Grande do Norte - UERN, campus Assú. Para tanto, realizamos uma pesquisa bibliográfica acerca do estágio supervisionado através da problematização sobre os desafios encontrados durante o ensino médio e por fim, apresentamos os relatos sobre o nosso estágio supervisionado no ensino médio. A pesquisa estabeleceu um diálogo que envolveu os seguintes elementos: as experiências adquiridas no estágio supervisionado, o ensino de Geografia e a cidadania como tema transversal na construção dos saberes geográficos na escola. A nossa metodologia se baseou na revisão bibliográfica a partir do quadro teórico discutido no estágio na universidade e também incluímos relatos sobre as atividades desenvolvidas durante o estágio: a observação do ambiente escolar, as condições que encontramos para o ensino de Geografia na escola, os desafios que encontramos durante as regências das aulas, assim como a aplicação da nossa oficina pedagógica intitulada “Confusos”, que teve como foco o tema fusos horários.

Palavras-chave: Estágio Supervisionado. Ensino de Geografia. Cidadania.

THE CHALLENGES OF THE SUPERVISED INTERNSHIP IN GEOGRAPHY IN HIGH SCHOOL: REFLECTIONS AND REPORTS TO BE SHARED

Abstract

This work aims to reflect on the school reality in high school experienced during the conducting of the supervised internship in Geography, at the State University of Rio Grande do Norte - UERN, Assú campus. For that, we carried out bibliographical research about the supervised internship through the problematization of the challenges encountered during high school and finally, we present the reports about our supervised internship in high school. The research established a dialogue that involved the following elements: the experiences acquired in the supervised internship, the teaching of Geography and citizenship as a cross-cutting theme in the construction of geographic knowledge at school. Our methodology was based on a bibliographic review based on the theoretical framework discussed during the internship at the university and we also included reports on the activities developed during the internship: observation of the school environment, the conditions we found for teaching Geography at school, the challenges that we found during the classes, as well as the application of our pedagogical workshop entitled “Confused”, which focused on the topic of time zones.

Keywords: Supervised internship. Teaching Geography. Citizenship.

LOS DESAFÍOS DE LA PRÁCTICA SUPERVISADA DE GEOGRAFÍA EN LA ESCUELA SECUNDARIA: REFLEXIONES E INFORMES PARA COMPARTIR

Resumen

Este trabajo tiene como objetivo reflexionar sobre la realidad escolar en la enseñanza media vivida durante la realización de la pasantía supervisada en Geografía, en la Universidad Estadual de Rio Grande do Norte - UERN, campus Assú. Para eso, realizamos una investigación bibliográfica sobre la pasantía supervisada a través de la problematización de los desafíos encontrados durante la enseñanza media y, finalmente, presentamos los relatos sobre nuestra pasantía supervisada en la enseñanza media. La investigación estableció un diálogo que involucró los siguientes elementos: las experiencias adquiridas en el internado supervisado, la enseñanza de la Geografía y la ciudadanía como eje transversal en la construcción del saber geográfico en la escuela. Nuestra metodología se basó en una revisión bibliográfica basada en el marco teórico discutido durante la pasantía en la universidad y también incluimos informes sobre las actividades desarrolladas durante la pasantía: observación del ambiente escolar, las condiciones que encontramos para la enseñanza de la Geografía en la escuela, los retos que encontramos durante las clases, así como la aplicación de nuestro taller pedagógico titulado “Confusos”, el cual se centró en el tema de los husos horarios.

Palabras-clave: Pasantía supervisada. Enseñanza de la Geografía. Ciudadanía.

INTRODUÇÃO

O Estágio Supervisionado de qualquer curso de licenciatura, é sem dúvida alguma um momento de grande ansiedade para todo discente, em que é chegada a hora onde o discente irá por algumas das teorias que aprendeu durante o curso, e nesse caminho, o mesmo entenderá minimamente o que funciona e o que não funciona, dentro de uma sala de aula. É óbvio, que essa não é uma máxima equivalente para todas as suas experiências, pois afinal, o discente está em processo de formação, e para além disso, cada turma é um “mundo”, com as suas características e seus desafios particulares. Segundo Santos (2013):

O estágio supervisionado possibilita um aprendizado imperativo para que os licenciados possam refletir acerca da docência, teorizando sobre o seu objeto de estudo e de ensino na perspectiva da realidade que vivenciará na condição de docente. [...] (SANTOS, 2013, p. 59)

No curso de Geografia não é diferente, a tarefa é semelhante, pois também temos que aprender a lidar com as dinâmicas impostas pelas salas de aula, mesmo que seja num período curto de tempo, se compararmos o tempo de estágio (que na nossa realidade tem duração menor que um semestre, uma vez que as atividades deste componente não se resumem as atividades em sala de aula nas escolas) com o tempo de um ano letivo por exemplo.

A priori, empiricamente, foi possível observar que o ensino médio tem algumas diferenças, além das obviedades da idade e do nível de ensino., e Em suma, o aluno do ensino médio é mais “contido” no que diz respeito a uma interação inicial, interação essa que é bem Inicialmente, existia um certo receio de como esse estágio ocorreria, pois vale salientar que dos três estágios que já havíamos cumprido até aqui na graduação, apenas o primeiro ocorreu de forma presencial, e os dois últimos ocorreram de forma remota.

Durante o primeiro estágio supervisionado, podemos sentir as “nuances” da sala de aula, pois a estivemos integrados a rotina da escola, seus horários, as especificidades das turmas e as características do ambiente escolar que são tão importantes para o estagiário, pois o é estágio onde os futuros professores poderão ter uma amostra do que é o dia a dia escolar.

Os dois últimos estágios supervisionados, que ocorreram em caráter remoto emergencial, entretanto, não nos deu essa vivência da rotina escolar, e esse sem dúvida foi um ponto negativo enquanto estagiários.

Durante esse período de estágio supervisionado, ficamos responsáveis por três turmas do ensino médio: uma turma de primeiro ano, uma turma de segundo ano e uma turma de terceiro ano, todas no turno matutino, com duas aulas semanais de Geografia para cada turma.

Para atingirmos essas demandas, tivemos como objetivo compreender a dinâmica escolar no ensino médio, e para tal, realizamos uma pesquisa bibliográfica acerca do estágio supervisionado, problematizamos os desafios encontrados durante o ensino médio de uma escola pública no município de Assú/RN e por fim, apresentamos os relatos sobre o nosso estágio supervisionado no ensino médio.

A metodologia utilizada consiste na leitura bibliográfica empregada na disciplina da Orientação e Estágio Supervisionado IV ofertada pelo departamento de Geografia do Campus Avançado de Assú, assim como outras leituras que julgamos necessárias. Ainda iremos abordar os dados colhidos no campo de estágio que também serão relatados a fim de proporcionarmos um panorama geral acerca de como ocorreram as regências das aulas.

UMA BREVE CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA ONDE OCORREU O ESTÁGIO SUPERVISIONADO

A escola que realizamos o estágio supervisionado está localizada na zona urbana do município de Assú/RN, é uma instituição que passou por uma reforma durante a pandemia causada pelo vírus da COVID 19.

Porém, ainda conta com alguns problemas em sua infraestrutura, como por exemplo: a instalação elétrica que é muito antiga, e que, não suporta bem o uso dos ares-condicionados instalados nessa reforma recente, pois quando todos os aparelhos estão ligados, sobretudo na parte da tarde onde o calor é maior, a rede elétrica não suporta toda essa demanda, o que acaba por deixar a escola sem energia. e esse é um problema que precisa ser resolvido com certa urgência, uma vez que o ano letivo não pode parar.

A escola conta com sala da diretoria, secretaria, cozinha, três banheiros, sendo um para professores e dois para os alunos, uma quadra poliesportiva coberta, oito salas de aulas que se dividem em três primeiros anos, dois segundos anos e três terceiros anos. A escola também conta com uma “biblioteca”, porém o lugar é muito apertado sem condições de desenvolver qualquer atividade no local, se assemelhando mais a um depósito de livros do que à uma biblioteca.

O pátio não é coberto, porém conta com uma boa arborização, e onde se localizam essas árvores há mesas e bancos feitos de alvenaria e cerâmica, onde os alunos costumam socializar no intervalo das aulas ou em horários vagos.

A escola conta com impressoras que imprimem tanto em preto e branco quanto em colorido, e nesse quesito, a instituição não encontra problemas, o que falta mesmo são projetores *Datashow*, que a mesma no momento só conta com três, o que claramente é insuficiente tendo em vista a quantidade de turmas que há na escola, e por isso o seu uso deve ser agendado previamente.

Um ponto positivo é que a escola além contar com sinal de *wifi* para funcionários e professores, também dispõe desse recurso para os alunos, o que pode ser usado a favor das aulas, se tratando de pesquisas e atividades que possam envolver o uso da internet. o único ponto negativo talvez seja a falta de um pacote maior dessa internet, pois no intervalo, é quase que impossível utilizar a internet dos alunos, dada a demanda enorme à qual a rede é submetida.

Outro ponto que nos chamou atenção foi que a escola está começando a se adequar ao “Novo Ensino Médio”, que consiste em regular esse nível e ensino a Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2019) ou simplesmente BNCC; porém, a escola está fazendo isso gradualmente, começando a implantar o modelo sugerido pela BNCC apenas nas turmas de primeiro ano da instituição, e ano a ano ir adequando a base as todas as turmas.

Esse fato gerou um problema inesperado a priori, é que os livros didáticos escolhidos pela escola que foram feitos de acordo com as demandas impostas pela BNCC, ainda não chegaram na escola, mesmo o ano letivo já tendo iniciado a mais de três meses, e por isso, os conteúdos têm ficado a cargo da professora dessas turmas, que conta com um livro didático do antigo modelo, e repassa os conteúdos mais essenciais para os alunos.

Outro problema igualmente preocupante, é que as turmas de terceiro ano tiveram o seu ensino médio quase que todo de forma remota, e segundo a professora, o déficit de alunos era muito grande nas aulas *on-line*, e isso gerou uma necessidade de rever alguns conteúdos pontuais do primeiro ano, como por exemplo: astronomia, cartografia, mapas temáticos, topografia e fusos horários. Esses eram temas que os alunos tinham de fato alguma dificuldade em compreendê-los minimamente.

O ENSINO DE GEOGRAFIA NO ENSINO MÉDIO E A CIDADANIA

Com a experiência em que acumulamos em estágios passados na disciplina de Geografia nos anos finais do ensino fundamental, O Ensino de Geografia no ensino médio parece fazer uma espécie de "síntese" dos conteúdos que foram abordados durante o ensino fundamental, pois os conteúdos dos livros didáticos abordados são os mesmos, porém, o que há de fato é uma maior problematização dos temas abordados.

Basta folhear os livros didáticos de Geografia empregados nesse nível de ensino e veremos conteúdos como: astronomia e cartografia para o 1º ano, revoluções europeias e conflitos políticos para o 2º ano, energias renováveis e consumismo para o 3º ano, enfim, e para

esse último em específico a máxima dos estudos voltados para o Exame Nacional do Ensino Médio parece ser uma constante.

O "conteudismo" dos livros didáticos ainda parece imperar nas salas de aula, e o que se observou na escola onde ouve o estágio é que tais conteúdos são trabalhados em prol do ENEM, pois se sair bem no mesmo significa ter a possibilidade de frequentar um curso de nível superior, e depois, conseqüentemente se lançar no mercado de trabalho.

Em teoria, isso não deveria ser algo negativo, porém, em meio a todo esse esforço para se memorizar tais conteúdos, onde fica o desenvolvimento sobre o senso crítico dos alunos acerca do mundo em que vive? Enquanto sociedade devemos nos questionar se vale mesmo a pena ter uma mão de obra qualificada em detrimento de uma capacidade crítica acerca de sua realidade. Será que a qualificação para o mercado de trabalho e a formação crítica dos educandos não podem andar juntas?

Milton Santos (2020) já se questionava sobre se no Brasil havia mesmo cidadãos, pois apesar de sermos um país "democrático", e entendermos que uma cidadania plena é aquela que proporciona equidade para todos os cidadãos, a realidade que encontramos é bem diferente. segundo Santos (1996) "[...] o Brasil não é bem democracia, mas uma democracia de mercado. O que é central é o mercado, não o homem." (SANTOS, 1996, p. 138).

Apesar de vivermos em um país que se diz democrático e que afirma através da sua constituição (BRASIL, 1988) que zela pela cidadania da sua população, o que presenciamos no dia a dia é uma verdadeira privatização de direitos e deveres que deveriam ser comuns a vida das pessoas: direito à alimentação, saúde, transporte, educação, enfim, direitos mínimos que deveriam ser garantidos de fato pelo Estado.

Para ilustrar melhor vejamos esse exemplo: o Estado brasileiro garante o atendimento médico gratuito através do Sistema Único de Saúde (SUS), porém, grande parte dos medicamentos necessários para se tratar algumas enfermidades muitas vezes não estão disponíveis de forma gratuita, ou seja, quando se trata de algo realmente grave, ou o "cidadão" compra o remédio com as suas próprias economias, ou morre com a enfermidade, quando não consegue comprá-lo, é simples o Estado brasileiro apesar de "democrático" também é capitalista e a ideia de "cidadão" no Estado capitalista não existe (SANTOS, 2020).

Mesmo tendo consciência disso, é preciso encontrar maneiras de se promover a cidadania, pois a mesma sempre foi obtida através de lutas que possibilitaram obtenção de direitos ao longo da história humana (COUTINHO, 1999), e por isso é preciso pensar em como podemos ter uma sociedade mais igualitária e solidária.

Essa é uma questão que não será resolvida a curto prazo, e por esse motivo entendemos que um dos caminhos possíveis é a educação, onde a formação de alunos críticos acerca de sua realidade, irá promover a longo prazo adultos que tenham uma capacidade mínima de fazer escolhas que beneficiem a sociedade como um todo.

É na escola onde as bases para se alicerçar uma cidadania mais solidária pode ser construída, porém isso exige que a sociedade compreenda como a escola se encaixa nesse processo. Segundo Braga (2018):

[...] Entende-se que a escola tem um papel de semear um conjunto de valores universais que ultrapassam culturas, e ao mesmo tempo reafirma suas tradições locais, que preza exclusivamente pelo bem-estar social e ambiental entre os povos. [...] (BRAGA, 2018, p. 788)

Deste modo, chegamos à conclusão que a disciplina de Geografia é a que melhor se encaixa dentro dessa proposta, pois uma de suas virtudes é a capacidade de formar alunos que possam realizar uma leitura de mundo, fazendo com que esses alunos se tornem mais críticos acerca da sua realidade, se envolvendo no debate sobre as dinâmicas que acontecem no seu lugar, que modificam a sua paisagem, ou que reorganizam o território onde eles habitam ou circulam, e isso vai justamente ao encontro dos objetivos da Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2019) para a disciplina de Geografia para todo país. Segundo Cavalcanti (2010):

[...] ensinar Geografia não é ensinar um conjunto de conteúdos e temas, mas é, antes de tudo, ensinar um modo específico de pensar, de perceber a realidade. Trata-se de ensinar um modo de pensar geográfico, um olhar geográfico, um raciocínio geográfico. [...] (CAVALCANTI, 2010, p. 7)

Sendo assim, a Geografia se torna um caminho possível na tentativa de formar cidadãos, pois é através dela onde o aluno poderá desenvolver melhor as suas habilidades como críticas, levando em conta as particularidades que ele encontra no seu dia a dia. No próximo capítulo iremos dialogar um pouco sobre as nossas experiências no estágio supervisionado.

EXPERIÊNCIAS DO CAMPO DE ESTÁGIO: OBSERVAÇÕES SOBRE O AMBIENTE ESCOLAR E OS DESAFIOS DA REGÊNCIA NO ENSINO MÉDIO

O estágio no ensino médio foi uma experiência enriquecedora, de muitos desafios e aprendizados que contribuiu de uma maneira muito significativa na nossa formação enquanto futuros docentes, pois, é a partir da regência que o discente adquire experiência no processo de formação sendo essencial na perspectiva de proporcionar esse contato com o ambiente escolar possibilitando também desenvolver habilidades que ajudarão na carreira profissional. Segundo Santos (2013):

O estágio possibilita uma oportunidade para que os licenciandos possam interagir com o conhecimento através de experiências concretas, buscando responder as demandas vivenciadas na formação inicial. Ao trilhar caminhos apropriados e em conformidade com as exigências postas ao docente na atualidade, o estágio enquanto espaço de pesquisa contribui para que a universidade gere novos espaços de diálogo e convivência em torno da formação docente de qualidade. (SANTOS, 2013, p. 66)

A sensação que se tem ao refletirmos como ocorreu esse estágio, é uma sensação de muito aprendizado em vários sentidos: planejamento, execução das atividades estipuladas nos planos de aula, no sentido do que deu certo e do que simplesmente não funcionou, o que por fim nos deixa um sentimento de superação.

Segundo Libâneo (2004, p. 35) “colocar a escola como local de aprendizagem da profissão de professor significa entender que é na escola que o professor desenvolve os saberes e competências do ensinar”. Entendemos que é a partir do momento do pisar no chão da escola que se pode obter algumas certezas que teorizamos outrora em sala de aula enquanto discentes do nosso curso, trata-se de entender o que é realmente ser professor, de como é uma missão difícil, mas que ao mesmo tempo prazerosa, poder sentir de perto o futuro campo de trabalho e conhecê-lo bem. Cavalcanti (2013) relata que:

De fato, acompanhar a rotina da escola permite perceber seus limites, sua fragmentação, a descontinuidade de seus propósitos e as dificuldades de levar adiante um trabalho de construção de conhecimento pelos alunos, orientado por professores conscientes e em condições de atender às demandas de processo. [...] (CAVALCANTI, 2013, p. 369)

Sendo assim, é inegável que o estágio supervisionado é um momento que merece muita dedicação, pois esse, será o dia a dia dos profissionais que se dedicam à docência. Ficamos responsáveis por 3 turmas do ensino médio: uma turma de primeiro ano, uma turma de segundo ano e uma turma de terceiro ano, todas no turno matutino. Para realizarmos as regências necessárias nessas turmas cada um dos estagiários ministrava uma aula enquanto os outros observavam e contribuía quando necessário no assunto no qual girava o tema da aula.

Ao decorrer das aulas ministradas pôde se observar que em todas as salas havia uma grande quantidade de alunos, onde o número passava fácil de 40 educandos. Cada turma tinha uma dinâmica diferente, em algumas os alunos eram bem mais participativos, já em outras, eles eram um pouco mais contidos, e a interação era mínima.

Houve ainda turmas que se mostraram um pouco mais difíceis de se repassar o conteúdo, pois alguns alunos queriam de certa maneira testar o emocional de nós estagiários, fazendo brincadeiras, ou com conversas paralelas durante as explicações dos conteúdos, mas enfim, entendemos que essas são situações que o professor enfrenta no seu dia-a-dia, e que nem sempre a aula sairá como planejado, tudo depende da interação do aluno e o professor, e o fato de sermos estagiários também era algo novo aos mesmos.

Entretanto esse fato dos estagiários em determinados momentos não serem enxergados pelos alunos como “professores”, seja algo que deva ser trabalhado em sala de aula junto a própria escola e os seus professores regulares, fazendo os educandos entenderem que esse é um momento em que todo professor alguma vez teve que passar, e esse fato não os tornam menos capazes, apenas mostra que são profissionais em início de carreira como um dia eles também serão, cada um dentro de sua futura profissão é claro.

Em suma, o estágio foi bem positivo, apesar dessas pequenas dificuldades como: as brincadeiras dos alunos, as conversas paralelas, o fato dos alunos não poderem levar os livros didáticos para casa limitando os tipos de atividades para casa, dentre outras coisas, preferimos encarar que esses obstáculos não foram algo desestimulante quanto ao exercício da nossa futura profissão, na verdade, encaramos esses tropeços como aprendizado, e ganhamos alguma experiência quanto a situações semelhantes no futuro

Na próxima seção deste trabalho, iremos relatar como se deu a aplicação da oficina pedagógica durante o estágio, que elaboramos em meio as observações que fizemos do mesmo, e segundo as dicas dadas pela professora de Geografia da turma em que aplicamos a oficina.

RELATO DA OFICINA PEDAGÓGICA "CONFUSOS": UMA ABORDAGEM LÚDICA NO ENSINO MÉDIO COM O TEMA "FUSOS HORÁRIOS"

Ao iniciarmos o nosso estágio foi pautado em nossos planejamentos, com a professora da disciplina, algumas dificuldades de aprendizagem dos alunos em determinados conteúdos. Depois de muito diálogo, chegamos a um consenso de que o conteúdo de fusos horários seria uma boa temática para se trabalhar dentro da proposta da oficina pedagógica, e a partir desse ponto, começamos elaborar de um plano de oficina em que fosse possível contemplar esse tema.

Após alguns dias de planejamento e pesquisa chegamos a conclusão de que nossa oficina teria como título "confusos", pois a mesma se basearia numa "caça ao tesouro", e por esse motivo, precisaríamos de uma maneira de como preparar essa caça ao tesouro envolvendo os fusos horários.

Realizada no dia 19/04/22 a oficina "confusos" foi aplicada com êxito em uma turma de 3º ano da escola em que estagiamos, e a mesma teve início às 07h00m da manhã do referente dia. Em nossos planejamentos ficou estabelecido que inicialmente levaríamos uma dinâmica "quebra gelo" para que os alunos pudessem de fato ser mais espontâneos no que estaria por vir.

A dinâmica escolhida foi a "receita de monstrinho", onde em um primeiro momento foi distribuído folhas de ofício para os alunos, e eles teriam que tentar desenhar um monstro de acordo com as instruções dadas por nós. Sendo assim, nós estagiários íamos falando uma parte do monstrinho de cada vez: "desenhe a cabeça", "agora desenhe o tronco", "agora é a vez dos braços" e assim por diante, até cada aluno ter o seu "monstrinho".

Após a realização de cada parte que compunha a dinâmica, foi pedido para que cada aluno exibisse o seu monstrinho nos permitindo então, chegar ao ponto que queríamos abordar em sala de aula, trazendo um momento descontraído alunos nos permitindo trazer um momento de reflexão sobre o porquê os desenhos saíram tão diferentes, sendo que todos estavam desenhando a mesma coisa.

O intuito dessa dinâmica, além de "quebrar o gelo", era fazer os alunos perceberem que, mesmo que dêssemos as mesmas instruções a todos os alunos de forma exatamente igual, o monstrinho seria diferente, pois a interpretação de cada aluno se dá como ele percebe a mensagem que houve e como ele decide representar a mesma.

No segundo momento da oficina iniciamos a parte teórica, onde no quadro branco foi escrito uma pequena explicação a respeito do que são os fusos horários, de como podemos fazer essa identificação dos fusos, quais os cálculos são utilizados para se chegarmos aos graus correspondente a cada fuso e também, como podemos identificar as horas em cada país através dos fusos horários.

Após a parte teórica e ainda em sala de aula, a turma foi dividida em grupos de até 5 componentes para que assim pudéssemos dar início a parte prática de nossa oficina. A caça ao tesouro foi a melhor opção para que pudéssemos instigar os alunos a executar o que foi abordado em sala de aula de maneira prática e divertida.

Após a divisão dos grupos, entregamos aos líderes de cada grupo uma folha com um mapa mundi e as linhas de fusos traçadas sobre o mesmo, e outra folha com 18 charadas que os

alunos deveriam resolver sempre que chegassem à um novo ponto na caça ao tesouro com o objetivo de descobrir qual país estava destacado no ponto e assim medir a distância e, fusos entre esses países a cada novo ponto.

Usando o espaço da escola, foram espalhados às 18 folhas com os 18 pontos que correspondiam aos 18 países das charadas. Isto feito, escolhemos o Brasil como ponto de partida e o horário de Brasília como fuso inicial, revelamos aos alunos que o primeiro ponto de partida estava na porta da sala onde estávamos, que era a sala de aula dos mesmos, e que nesse ponto havia uma pista para o próximo e assim sucessivamente.

Nesse primeiro ponto de partida, havia uma folha com um país destacado no mapa mundi, esse país era a “Angola”, na folha também havia uma indicação de onde estaria a próxima folha com outro país. Então o início seria assim: Os alunos solucionarem a charada e descobriram que esse país era a Angola, como inicialmente decretamos que o Brasil seria o ponto de partida, então os alunos deveriam calcular qual seria a distância entre esses países em fusos (ou em horas, que também estaria correto).

Após resolverem esse primeiro ponto, iriam para o segundo que estaria indicado na folha do primeiro ponto e assim por diante, até chegarem no último ponto que seria o ponto 18. a cada novo país descoberto o último seria a referência de onde eles deveriam fazer o cálculo e descobrir a distância de fusos entre os mesmos.

Um ponto que queremos esclarecer é que, nem todos os fusos estabelecidos passavam dentro do território dos países correspondentes à charada, porém os alunos deveriam se basear com os fusos que mais se aproximavam do mesmo.

Outro detalhe, é que há países que contam com mais de um fuso passando sobre o seu território, nesse caso, os alunos deveriam levar em conta o fuso horário que passava mais ao centro deste país, isso foi preciso para que não houvesse confusão no momento em que os alunos fossem realizar os cálculos entre as distâncias de fuso.

E assim aconteceu o terceiro momento da nossa oficina que foi se desenvolvendo. A cada pista que os alunos iam encontrando nos proporcionou observar as dificuldades e obstáculos que os alunos tinham em desenvolver atividades com este tema, permitindo então que pudéssemos ter naquele momento um olhar de pesquisadores, observando os pontos que os alunos tinham mais facilidade ou dificuldade com tema proposto e com a realização da tarefa imposta aos mesmos.

Até chegarmos ao grupo vencedor, tivemos alguns grupos que chegaram antes ao final da caçada ao tesouro, porém alguns desses grupos só resolveram parcialmente a tarefas: houve grupo que só resolveu a charada dos países sem resolver as distâncias de fuso entre eles, outros erraram alguns países e ainda atribuíram as distâncias de fuso a numeração das linhas de fuso (Por exemplo: 0, +1 +2 +3 +4 ou -1 -2 -3 -4), e por esse motivo tiveram que voltar às pistas e refazer a tarefa.

Vale salientar que o "prêmio" para se realizar a tarefa foi uma “caixa de bombons”, e talvez por esse motivo alguns desses grupos se apressaram por terminar a caça ao tesouro sem resolver corretamente a atividade proposta. Dito isso, o grupo vencedor foi o quarto grupo que

chegou à nossa mesa, pois esse resolveu todas as charadas e conseguiu calcular todas as distâncias de fuso entre os pontos dos países estabelecidos.

E assim, de maneira lúdica e competitiva houve uma socialização entre os alunos fora de sala de aula nos propiciando uma troca de experiência entre os educandos que se mostraram muito participativos e como prêmio de consolação para os demais grupos, trouxemos para a sala de aula algumas caixas de “bis” (guloseima à base de biscoito *wafers* coberto de chocolate) que distribuímos entre os alunos a fim de proporcionar uma experiência ainda mais positiva para os mesmos.

CONCLUSÕES

O estágio supervisionado no ensino médio foi de fato desafiador, a dinâmica em que o mesmo ocorre é de certa forma bem diferente do que ocorre no ensino fundamental, pois os alunos de 15 à 17 anos (em média) diferem dos alunos de 11 à 14 anos, os primeiros são mais complexos de se lidar, porém os segundos tendem a ser mais sinceros quando não gostam de algo e isso facilita muito em adequar os planos de aula para as realidades dos alunos.

A oficina pedagógica é um recurso metodológico muito válido, pois empolga os alunos, o fato de se fazer algo que não está na rotina escolar os motiva demais e em contrapartida facilita o processo de ensino-aprendizagem.

O adolescente de certa forma não é tão sincero nesse ponto, pois afirma que entendeu um assunto quando ainda possui outras dúvidas, o que nos obriga a identificar se estão de fato estão sendo sinceros ou não.

Formar alunos críticos através da Geografia se mostra muito promissor, mas é algo que não pode ser vinculado apenas a essa disciplina, pois o exercício da cidadania exige um esforço plural da sociedade como um todo, porém através do Ensino de Geografia enxergamos um caminho possível para uma sociedade de fato cidadã.

Ainda falta um percurso enorme a se traçar no intuito de termos uma escola mais cidadã, é preciso investir numa educação em que as ideias sobre cidadania façam parte do cotidiano dos alunos como um todo, e isso passa por um plano de estado para educação bem estruturado, no projeto político pedagógico da escola, na formação continuada dos professores, e por fim na estrutura física da escola.

REFERÊNCIAS

BRAGA, F. S. **A escola para a cidadania e o ensino de Geografia**. Revista Eletrônica Científica Ensino Interdisciplinar. Mossoró, v. 4, n. 12, novembro/2018. Disponível em: <<http://periodicos.apps.uern.br/index.php/RECEI/article/view/1727>> Acesso: 12 de dez. de 2022.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Centro Gráfico, 1988.

_____. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. (atualizada). Brasília, 2019.

CAVALCANTI, L. de S. **Os conteúdos geográficos no cotidiano da escola e a meta de formação de conceitos.** In: ALBUQUERQUE, M.A.M.; FERREIRA, J.A.S. (Orgs.). Formação, pesquisa e práticas docentes: reformas curriculares em questão. João Pessoa: Editora Mídia, 2013. p. 367-394.

CAVALCANTI, L. de S. **A Geografia e a realidade escolar contemporânea: avanços, caminhos, alternativas.** Anais do I seminário nacional: Currículo em movimento – Perspectivas Atuais. Belo Horizonte, novembro de 2010. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/docman/dezembro-2010-pdf/7167-3-3-geografia-realidade-escolar-lana-souza/file>> Acesso: 30 de mai. de 2021.

COUTINHO, C. N. **Cidadania e modernidade.** Perspectivas, São Paulo, v. 22. 1999. p. 41-59. Disponível em: < <https://periodicos.fclar.unesp.br/perspectivas/article/view/2087/1709>> . Acesso: 12 de jul. de 2021.

LIBÂNEO, J. C. **Organização e Gestão da Escola: Teoria e Prática.** Goiânia, Editora Alternativa, 2004.

SANTOS, M. F. P. dos. **O estágio supervisionado na formação de professores de Geografia.** In: ALBUQUERQUE, M.A.M.; FERREIRA, J.A.S. (Orgs.). Formação, pesquisa e práticas docentes: reformas curriculares em questão. João Pessoa: Editora Mídia, 2013. p. 59-86.

SANTOS, M. **As cidadanias mutiladas.** In: LERNER, J. (Org.). O preconceito. São Paulo: IMESP, 1996, p. 133-144.

SANTOS, M. **O espaço do cidadão.** – 7ª. Ed., 3. reimpr. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2020.

Artigo recebido em julho/2022 - Artigo aceito em novembro/2022